

Precarização do Trabalho e Saúde do Trabalhador: *Burnout* e Resiliência Entre Professores

Precarization Of Work And Workers Health: Burnout And Resilience Among Teachers

Precarización Del Trabajo Y La Salud De Los Trabajadores: Burnout Y Resiliencia Entre Los Profesores

Tais Santana

FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

taissantana15@hotmail.com

Sonia Silva Paiva M. Gonçalves

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

soniapaiva@fmpfase.edu.br

Maria Regina Bortolini

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

reginabortolini@fmpfase.edu.br

RESUMO

Tem-se observado significativas transformações no mundo do trabalho com a reestruturação produtiva – a mudança do taylorismo/fordismo para o toyotismo – e a flexibilização da produção. Verifica-se que essas mudanças têm impactado a saúde dos trabalhadores, levando muitas vezes ao desenvolvimento de doenças como a síndrome de *burnout*. Os professores são a categoria de trabalhadores mais afetada por esta síndrome. No entanto, mesmo submetidos às mesmas condições de trabalho alguns professores são resilientes. Nessa perspectiva foi realizada uma pesquisa exploratória voltada à análise de quais as experiências e sentidos do trabalho produzem resiliência entre os docentes. O campo de pesquisa foi uma escola estadual de ensino médio na cidade de Petrópolis. A população analisada constituiu-se de 05 professores de diferentes áreas de formação e com tempo de magistério entre 10 e 20 anos. Fez-se uso da entrevista semiestruturada. Embora as condições de trabalho não sejam adequadas, a maioria dos professores não vivenciou problemas de saúde decorrentes deste. Os professores focalizam a importância da dimensão humana para o bom desenvolvimento de seu trabalho. A análise do conteúdo das entrevistas, segundo Bardin, permitiu chegar a quatro núcleos de sentido: escola, missão, realização e sustento. Parece que tomar o trabalho como uma missão estimula os professores a ter uma atitude de confiança frente aos desafios e às mudanças, buscando superar as dificuldades estruturais e mostrando-se otimistas, proativos e resilientes. A dimensão humana foi a mais evidente, portanto, concluiu-se que as potencialidades da resiliência como positividade, foco, flexibilidade, organização e pró-ação inerentes aos indivíduos podem ser afloradas quando as interações humanas são valorizadas.

Palavras-chave: *reestruturação produtiva, síndrome de burnout, trabalho docente, resiliência.*

ABSTRACT

There have been significant transformations in the world of work with productive restructuring – the change from Taylorism / Fordism to toyotism – and flexibilization of production. It has been found that these changes have impacted the health of workers, often leading to the development of diseases such as burnout syndrome. Teachers are the category of workers most affected by this syndrome. However, even under the same conditions of work some teachers are resilient. From this perspective, an exploratory research was carried out to analyze the experiences and meanings of work that produce resilience among teachers. The field of research was a state high school in the city of Petrópolis. The analyzed population consisted of 05 teachers of different training areas and with teaching time between 10 and 20 years. The semi-structured interview was used. Although working conditions are not adequate, most teachers did not experience health problems due to this. Teachers focus on the importance of the human dimension for the proper development of their work. The analysis of the content of the interviews, according to Bardin, allowed us to reach four cores (nuclei) of meaning: school, mission, achievement and livelihood. It seems that taking work as a mission encourages teachers to have an attitude of confidence in the face of challenges and changes, seeking to overcome structural difficulties and showing optimism, proactive and resilient. The human dimension was the most evident, therefore, it was concluded that the potentialities of resilience as positivity, focus, flexibility, organization and pro-action inherent in individuals can be raised when human interactions are valued.

Keywords: *productive restructuring, burnout syndrome, teaching work, resilience.*

RESUMEN

Ha habido transformaciones significativas en el mundo del trabajo con reestructuración productiva – el cambio del taylorismo/fordismo al toyotismo – y la flexibilización de la producción. Se encontró que estos cambios han impactado la salud de los trabajadores, lo que a menudo conduce al desarrollo de enfermedades como el síndrome de *burnout*. Los docentes son la categoría de trabajadores más afectados por este síndrome. Sin embargo, incluso en las mismas condiciones de trabajo, algunos maestros son resistentes. Desde esta perspectiva, se llevó a cabo una investigación exploratoria para analizar las experiencias y los significados del trabajo que producen resiliencia entre los docentes. El campo de investigación fue una escuela secundaria estatal en la ciudad de Petrópolis. La población

analizada consistió en 05 docentes de diferentes áreas de formación y con un tiempo de enseñanza entre 10 y 20 años. Se utilizó la entrevista semiestructurada. Aunque las condiciones de trabajo no son adecuadas, la mayoría de los maestros no experimentaron problemas de salud debido a esto. Los docentes se centran en la importancia de la dimensión humana para el desarrollo adecuado de su trabajo. El análisis del contenido de las entrevistas, según Bardin, nos permitió alcanzar cuatro núcleos de significado: escuela, misión, realización y sustento. Parece que tomar el trabajo como una misión alienta a los docentes a tener una actitud de confianza frente a los desafíos y cambios, buscando superar las dificultades estructurales y mostrando optimismo, proactivo y resistente. La dimensión humana fue la más evidente, por lo tanto, se llegó a la conclusión de que las potencialidades de la resiliencia como positividad, enfoque, flexibilidad, organización y acción inherentes a los individuos pueden aumentarse cuando se valoran las interacciones humanas.

Palabras llave: reestructuración productiva, síndrome de burnout, trabajo docente, resiliencia.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem passando por profundas mudanças. Com o advento da globalização, as empresas tiveram que adaptar seus processos para se manterem vivas e competitivas a nível mundial. Pode-se associar essa competitividade a diversos fatores, um deles é o avanço no desenvolvimento tecnológico que provoca uma intensa reestruturação dos processos produtivos, com um impacto significativo nas relações sociais de produção, na qualidade de vida no trabalho e mesmo na formação da identidade do trabalhador.

Sabe-se que o trabalho ocupa uma posição central na vida das pessoas, seja para fins de sobrevivência, pelo tempo de dedicação ou como um mero meio de realização social. O trabalho é um dos principais instrumentos pelo qual o homem se utiliza para dialogar com o meio social. Porém, conforme Dejours (1992), o trabalho nem sempre é motivo de reconhecimento e independência profissional, pois às vezes pode significar desinteresse, sofrimento e exaustão. Segundo Antunes, as mudanças ocorridas recentemente no mundo do trabalho afetam os trabalhadores não apenas materialmente, mas também subjetivamente. “Foram tão intensas as modificações que se pode mesmo afirmar que a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e (...) afetou sua forma de ser” (ANTUNES, 2006, p.23).

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, TRABALHO DOCENTE E SÍNDROME DE *BURNOUT*

Como forma de amenizar os efeitos da crise estrutural do capital que teve início no começo dos anos 70, a partir de meados da década de 1980 se inicia um processo de mudança nos paradigmas organizacionais, até então baseados no modelo de produção taylorista/fordista. Abre-se espaço para o controle cibernético dos processos produtivos com a implantação de tecnologias da informação (TI), com ênfase na automação, onde se destaca a propagação do modelo japonês com o uso de técnicas do Toyotismo em diversas empresas no mundo inteiro. O novo paradigma da “empresa enxuta” se caracteriza por empresas que investem em alta tecnologia e um número cada vez menor de trabalhadores. Em decorrência destas mudanças passou-se de um controle rígido para um mais flexível, no qual o trabalhador tornou-se polivalente e com maior poder de realização no espaço de trabalho, através da exploração de seu capital psicológico.

Se antes, no modelo taylorista/fordista, era comum o aparecimento, predominantemente, de doenças de cunho físico, hoje se presencia uma série de problemas relacionados ao nível psicológico, um esgotamento físico e mental intenso caracterizado por uma série de doenças mentais, como estresse, depressão e em especial a síndrome de *burnout*¹ ou síndrome do esgotamento profissional, distúrbio psíquico intimamente ligado à vida profissional e às pressões no ambiente de trabalho.

A reestruturação produtiva muito contribuiu para o aparecimento dessas pressões no ambiente e trabalho com consequências para a saúde dos trabalhadores. Dessa forma, diversos setores da economia brasileira, inclusive a educação básica vem sentindo os reflexos dessas mudanças. Codo (1999), em uma pesquisa realizada com 52 mil professores da rede pública de ensino do território nacional brasileiro, apontou que 48% dos entrevistados manifestam algum sintoma da síndrome de *burnout*. Uma situação alarmante, pois de acordo com o autor pode levar à falência da educação.

No entanto, apesar do grande número de professores com sintomas de *burnout* ou até mesmo com a síndrome, existem profissionais que passam pelas mesmas adversidades, mas, apesar da situação, encontram novo sentido para o trabalho e persistem na profissão, buscando novas maneiras para superarem os desafios, encontrando outros caminhos para alcançar os objetivos. São os profissionais resilientes. No entanto, não se pode esquecer que, as pessoas resilientes experimentam os mesmos medos e as mesmas angústias que qualquer pessoa quando submetida a tensão de mudança (não se pode esquecer que são seres humanos). Entretanto, elas são capazes de manter seus padrões de produtividade e de qualidade, bem como sua estabilidade física e emocional enquanto buscam montar seus objetivos. A resiliência não pode ser vista como um atributo fixo do indivíduo, se as circunstâncias mudam a resiliência se altera (MOREIRA; TEIXEIRA; QUEIROZ, 2013).

Acredita-se que devido ao contexto mencionado acima, as pesquisas na área de psicologia tenham se concentrado basicamente no estudo e entendimento daqueles que apresentavam algum distúrbio ocasionado pelos aspectos negativos do trabalho, como pode ser demonstrado no número de artigos publicados no *Journal of Occupational Health Psychology*, onde 95% dos artigos publicados se referem a aspectos negativos da saúde e bem-estar dos trabalhadores, como *burnout* e doenças cardiovasculares e apenas 05% tratavam de assuntos relacionados a aspectos positivos, como motivação (MOREIRA, 2012, p. 01).

¹A Síndrome de *Burnout*, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberg, um médico americano. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

CAPITAL PSICOLÓGICO

Entendendo que tal abordagem estava desconsiderando uma parte importante da psicologia e que isso estava afetando também às organizações, em 2000, Martin Seligman e outros psicólogos propõem o estudo da psicologia positiva com objetivo de ajudar as pessoas saudáveis a se tornarem mais felizes e produtivas. E em 2004, Luthans, Luthans e Luthans, propõem, a partir do conceito de psicologia positiva, o capital psicológico como um estado mental que responde a seguinte indagação: quem é você?

Neste contexto, o capital psicológico se baseia em quatro capacidades psicológicas definidas como: auto eficácia, esperança, otimismo e resiliência, capacidades estas que aumentam o nível de comprometimento e perseverança no ambiente laboral.

As capacidades psicológicas de otimismo e esperança se concentram no futuro, a auto eficácia no presente e no futuro e a resiliência no passado e no presente. Tendo em vista as mudanças no modo de produção capitalista, ocorridas a partir da década em 1970 e as consequências para saúde psicológica, tomou-se como campo de estudo, em especial, a resiliência no trabalho, pois se entende que é um processo onde o indivíduo que detém essa capacidade consegue utilizar o aprendizado obtido em circunstâncias anteriores e aplicar na situação presente com influências para o futuro, m um *continuum*. O constructo resiliência traz a pauta a discussão acerca do novo perfil do trabalhador nas organizações.

RESILIÊNCIA NO TRABALHO

Diante das adversidades emergem comportamentos contrários. Enquanto alguns sucumbem diante dos problemas, outros encontram formas de ressignificação da realidade que os desafiam a enfrentar as pressões, bem como a intensificação de trabalho. Para melhor compreensão dos indivíduos que enfrentam situações adversas e se mantém no caminho para alcance de seus objetivos, sem se deixar sucumbir, buscou-se na física o conceito de resiliência, até então aplicado apenas aos materiais que tinham a capacidade de voltar ao estado anterior, após sofrerem alguma tensão, sendo por isso, considerados flexíveis.

Nesta perspectiva, a resiliência, no âmbito do comportamento humano, pode ser entendida como a capacidade de responder às adversidades de maneira flexível, com capacidade de recuperação e com uma atitude positiva (TAVARES *apud* MARINHO *et al.*, 2012).

Como base no exposto acima, buscou-se entender o que faz um professor tornar-se resiliente? O que estimula esses professores, diante de tantas adversidades, a encontrarem recursos para transformar sofrimento em aprendizado e competência? Dessa forma, tomou-se como problema para nosso estudo compreender “quais experiências e sentidos de trabalho que produzem resiliência entre docentes? ”.

OBJETIVOS E MÉTODO

Os objetivos desta pesquisa consistiram primeiramente em analisar a centralidade do trabalho na vida humana e as condições de trabalho na atividade docente. Posteriormente, dedicou-se a identificar os recursos psicossociais adotados na resiliência frente às condições do trabalho docente, além de analisar os sentidos do trabalho construído pelos docentes.

Segundo Minayo (1994, p.16), “metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Dessa forma, adotar uma metodologia é escolher um caminho a seguir na elaboração de um projeto de pesquisa ajudando a refletir sobre os pensamentos e a ter um olhar crítico acerca da realidade. A metodologia utilizada nesse trabalho assemelha-se aos estudos exploratórios, ou seja, uma pesquisa que “permite ao pesquisador ter maior familiaridade com o fenômeno a ser estudado, para torná-lo mais explícito e construir hipóteses”. (GIL, 2002, p.41) Em geral, os estudos exploratórios envolvem o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que vivenciaram o fenômeno estudado e observação da prática (GIL, 2002). A observação da prática permite compreender o ambiente onde se inserem os sujeitos, suas experiências e dinâmicas. A entrevista permite maior intimidade com a situação pesquisada indo além das condições ambientais.

Desse modo, inicialmente realizou-se revisão bibliográfica tendo como base livros, artigos, monografias, dissertações e teses sobre o tema. Na sequência, para a produção de dados, realizou-se trabalho de campo em escola pública da região serrana do Rio de Janeiro, com a utilização de entrevistas semiestruturadas com professores de curso de ensino médio integrado. Para entender um pouco da interação do grupo foi realizada observação não participante durante uma reunião pedagógica. A partir da reunião, as entrevistas foram feitas com 5 professores do curso que se disponibilizaram a participar do estudo. O roteiro de entrevista procurou saber sobre as condições nas quais se desenvolvem o trabalho docente, quais suas condições estruturais, as relações de trabalho, bem como a rotina de trabalho desses profissionais. Foi indagado ainda questões referentes a motivação e saúde no ambiente laboral, se já haviam ficado doentes por causa do trabalho, se já haviam pensado em desistir da profissão e os motivos para continuarem a lecionar em

uma escola pública, buscando analisar a resiliência no trabalho docente. Buscou-se ainda compreender os sentidos de trabalho construídos pelos professores, de modo a identificar como eles significam a sua experiência laboral e os elementos, valores, que intervêm na construção da sua resiliência. “A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa” (GASKELL, 2002, p.65).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A maior parte dos entrevistados corresponde ao sexo feminino, sendo 04 mulheres e 01 homem, com idade entre 34 e 46 anos. Em relação à religião, grande parte segue a doutrina católica (03) e os demais são 01 da doutrina espírita e 01 se declara sem religião. Moradores da cidade de Petrópolis, possuem entre 10 e 20 anos de trabalho no magistério em diferentes áreas de formação. Todos os professores entrevistados têm pós-graduação.

SOBRE AS CONDIÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO DOS PROFESSORES

Quanto à estrutura da escola, essa nem sempre atende às necessidades desses docentes, principalmente considerando as necessidades de ensino no curso técnico de áudio e vídeo, onde os equipamentos são fundamentais para o bom desenvolvimento das aulas. Segundo os relatos,

Não tem laboratório. Só tem uma sala de vídeo. Os professores compram data show para dar aula. Sala de informática não tem internet [...] aula "cuspe e giz". (P1)

[...] são poucos equipamentos e toda vez que você tem que usar é uma guerra [...] um colégio de dois mil alunos com três data shows, com caneta de quadro controlada, enfim, com pouco orçamento pra você fazer uma visita de campo, pra fazer uma atividade cultural externa [...] um estúdio em que ficavam, sei lá, 50, 60 meninos, sem ar condicionado [...] isso quase que inviabiliza uma boa aula. (P2)

Passar três a quatro horas seguidas em uma sala sem ventilação adequada, por exemplo, traz prejuízos não só à saúde quanto ao rendimento da aula, porque todos, alunos e professores são prejudicados em diferentes níveis, como o da atenção [...] salas abafadas e empoeiradas (P3)

[...] o material eu tenho. Datashow, tablet, caixinha de som. (P4)

Percebeu-se que as condições propostas no Projeto Político Pedagógico do curso não correspondem à realidade do cotidiano dos professores que, para desenvolverem seu trabalho, precisam comprar por conta própria os materiais necessários para o desenvolvimento das aulas ou lidarem com a precariedade dos equipamentos disponíveis. Para Franco (*apud* LIMA *et al.*, 2010, p.14), “a falta das condições materiais compromete o ensino-aprendizagem, uma vez que dificulta o procedimento de ensinar e instruir”.

Percebeu-se que o cotidiano da vida de um professor é bem complexo. Segundo relato dos entrevistados, normalmente, começa às 06 h da manhã quando se levanta e organiza a sua vida pessoal, em família, separa os materiais de trabalho que tem que levar consigo, leva os filhos para a escola e depois vai dar aula. Chegando à escola tem que organizar a sala, dispor os materiais de trabalho, organizar a turma e, então, começar a aula, processo que de acordo com uma das entrevistadas consome entre 15 e 20 minutos. A maioria dos entrevistados leciona nos três turnos e leva tarefas do trabalho, como correção de provas e trabalhos, para serem realizadas em casa. E ainda tem que encontrar tempo para se qualificar, pois o mercado de trabalho e a dinâmica da sala de aula exige que o profissional esteja atualizado com as mudanças do mundo moderno, sob o risco de ficar ultrapassado. Assim, segundo os entrevistados,

um dia comum de trabalho pra mim começa às sete da manhã e termina às dez e meia da noite [...] o dia a dia é sempre muito corrido, muito cheio de atividades, porque trabalhar nos três turnos é sempre muito difícil, pouco tempo pra comer, pouco tempo também pra descansar, pra colocar as ideias em ordem... (P5)

[...] eu tenho que tá pelo menos uns dez minutos antes pra ver se a sala está organizada. E na maioria das vezes a sala não está organizada, nem as carteiras, nem as carteiras estão adequadas e muitas vezes falta mesmo cabeamento ou o equipamento não está na sala, ou alguém usou e deixou outros equipamentos que não eram o que eu uso espalhados, você tem que organizar tudo... isso toma um certo tempo, gera um desgaste muito grande e consome pelo menos aí, mesmo eu chegando um pouquinho mais cedo, ainda me consome pelo menos uns 15, 20 minutos da minha aula. (P4)

[...] Pensando num dia de 24 horas, eu posso dizer que praticamente, sei lá, 15 horas do meu dia são dedicadas ao meu trabalho, a tudo que me envolve, não só dentro da escola, mas também fora da escola. Isso de segunda a sexta. (P3)

Bem, geralmente meu dia de trabalho é um pouco corrido, porque são muitas aulas num dia só, e a gente acaba dando aulas pra diferentes turmas, com diferentes conteúdos [...] basicamente eu saio de casa como um caramujo, cheio de coisas nas costas, livros e material de mídia, laptop... (P2)

[...] sobrecarga do trabalho do professor que hoje, além de dar aula, de planejar suas aulas e buscar coisas interessantes, novas, e procurar estar dentro dos assuntos que estão em voga, e usar as tecnologias, inclusive de forma a ajuda-los a gerir essa quantidade de informação disponível no mundo, há uma série de procedimentos burocráticos que nós somos submetidos, lançamentos de notas em três, quatro lugares diferentes, preenchimento de mil formulários e pautas, e planos, e planejamentos... (P1)

Nas falas dos professores é possível perceber que, além do aumento no ritmo de trabalho, observa-se também a ampliação do tempo de trabalho, pois cotidianamente estão sobrecarregados de tarefas. Segundo Antunes (2011, p. 33), “apesar de o avanço tecnológico apresentar a possibilidade de redução do tempo de trabalho, presencia-se uma política de prolongamento da jornada de trabalho”. No caso os professores, o prolongamento se dá pelo acúmulo de funções e instituições de vínculo.

Quando questionados sobre o relacionamento com os colegas de trabalho e alunos, as respostas foram muito positivas relatando um ambiente de cooperação e aprendizado contínuo. Descrevem o ambiente escolar como um espaço de interação onde, apesar de todas as limitações no âmbito da estrutura física e da sobrecarga de trabalho, existe muita troca e aprendizagem. Segundo estes professores,

Dentro de um colégio você conhece as pessoas que administram as que zelam da parte física, os alunos e os colegas de trabalho. Com cada um deles eu posso descobrir uma infinidade de possibilidades, que poderão ser boas ou ruins para mim. Eu posso influenciar em cada um desses universos. Sempre há aprendizado. (P1)

[...] meu relacionamento com colegas de trabalho, eu considero um bom relacionamento, porque na verdade esse grupo do áudio e vídeo é um grupo muito interessante, muito diverso, muito questionador, muito produtivo, e é um grupo que dá gosto de fazer parte, porque você aprende muito, você troca muito... (P2)

Em relação aos alunos, eu tenho um bom relacionamento, um relacionamento alegre, tranquilo, parceiro, carinhoso, principalmente na escola pública eu reconheço muito carinho por parte dos alunos... (P5)

Essa visão do ambiente escolar é compartilhada por autores como Tardif e Lessard (*apud* LIMA *et al.*, 2010, p.14), ao salientarem que “o ambiente escolar é um ambiente de conflitos, mas também um ambiente de negociações, onde acontecem as atividades de interação”.

MOTIVAÇÃO E SAÚDE NO AMBIENTE LABORAL

Os fatores de motivação são substancialmente diferentes daqueles que promovem a insatisfação no trabalho, como o psicólogo Frederick Herzberg demonstrou através da teoria dos dois fatores – fatores motivacionais e fatores higiênicos. (HERZBERG, 1973)

Como visto, uma parte das insatisfações dos professores refere-se a fatores higiênicos (extrínsecos, que estão fora do seu controle, administrados pela organização). No entanto, vários professores relacionam sua insatisfação com a dimensão humana da organização escolar como falta de relacionamento e diálogo, e desvalorização de seu papel social.

Insatisfações, a estrutura da escola, poder desenvolver alguns projetos fora da escola, isso por conta da falta de verba e remuneração. (P4)

[...] a minha grande insatisfação é quando eu não consigo promover essas pontes de diálogo [...] quando eu percebo que a educação virou mercadoria. (P5)

[...] as maiores insatisfações acho que estão em torno da falta de valorização do professor, mas não no sentido de remuneração [...] mas de valorização de papel social [...] pelos próprios profissionais, pelos próprios alunos, muitas vezes, pelos familiares, pela própria máquina escolar. (P2)

Insatisfação provém do insucesso dos jovens [...] ou quando colegas de trabalho desvalorizam o esforço coletivo, ou "brigam" entre si. Outra insatisfação é o descaso do Estado com a Educação Pública. (P3)

A teoria de Herzberg destaca que um fator de motivação que conduz a maior satisfação no trabalho é o sentimento de realização. (HERZBERG,1973). Para os entrevistados, a realização no trabalho docente compreende a transformação do aluno. O produto ou fruto de seu trabalho é a transformação do aluno, conforme identificado nas falas dos professores:

Eu diria que a maior satisfação de um professor é ver o trabalho dele dando frutos praquele/ pra quem o trabalho foi direcionado [...] é ver aquele teu aluno que às vezes entrou, e chegou em você com pouquíssima perspectiva de vida, e com olhar sobre o mundo muito limitado ou pouco audacioso, ambicioso, mas no sentido bom que a ambição possa ter, e vê-lo sair totalmente modificado. (P2);

Satisfação é ver jovens sem perspectivas encontrarem um caminho pras suas vidas [...] gosto quando aquele aluno por quem ninguém dá nada de torna alguém pela educação, e transforma sua vida (P3);

[...] o que mais me encanta são essas experiências dialógicas, são essas experiências de pensamento, provocadoras, mudam a vida [...]. (P5);

[...] poder contribuir para a formação das pessoas, trocar ideias com colegas e alunos. (P4);

[...] amigos, companheiros que topam os projetos, alunos que se percebem elo importante desse planeta. (P1).

Os professores focalizam a importância da dimensão humana para o bom desenvolvimento de seu trabalho. Tal posicionamento vai de encontro ao que Sobral e Peci afirmam acerca dos recursos humanos nas organizações: "o sucesso das organizações depende cada vez mais do fator humano" (2008, p.328).

Ainda em relação à motivação no trabalho, Ramos (1999, p.03), salienta que a motivação tem um componente mais afetivo, pessoal (ou psíquico) e outro mais social, sendo de caráter subjetivo, onde alguém pode se sentir motivado em determinada situação enquanto outro, exposto a mesma condição, se sentir insatisfeito. Dessa forma, pode-se traduzir motivação como um constructo que se situa entre as características individuais e o contexto social no qual o trabalhador está inserido.

Durante a pesquisa, os professores entrevistados estavam passando por um momento de greve, onde reivindicavam melhores condições de trabalho e melhor estrutura para conseguirem trabalhar com os alunos. Neste momento, a grande maioria relatou baixa motivação com relação à profissão, embora tenham enfatizado que não pensavam em abandonar a docência, o que pode ser identificado nas falas a seguir:

A motivação vai diminuindo com todas as reviravoltas na educação pública por causa da política. Motivação está num nível bem baixo. (P1)

[...] estamos vivendo um momento que é um momento problemático, muito confuso, um momento de conflito [...] quando a gente para pra pensar de toda a dedicação e de todas as apostas, na verdade, que a gente faz na profissão e no que a gente acredita, e vê por um outro lado uma gestão irresponsável no que diz respeito à viabilização desse trabalho de uma forma eficiente, de fato isso desmotiva muito [...] neste momento, não me sinto muito motivada não (P2).

Essa longa greve que estamos enfrentando é desestimulante [...] confesso que nesses últimos meses me sinto enfraquecida, parece que lutando por algo que outras pessoas não valorizam mais ou rejeitam... parece que apenas um pequeno grupo ainda se sente com forças pra continuar e um outro, maior, está anestesiado e fazendo da sua prática apenas um modo de subsistir. (P3)

Corroborando com a tese de que a motivação atua nos indivíduos de maneira diferente, apesar de estarem nas mesmas condições, dois entrevistados que estão passando pela mesma situação de greve possuem um discurso referente a motivação no trabalho diferente desses três entrevistados:

Estamos passando por uma extensa greve e isso é tenso. Tento me manter motivado porque gosto do que faço (P4).

[...] atualmente eu me sinto supermotivada, e principalmente nesse momento político conflituoso, porque eu percebo ainda mais a importância da capacidade de dialogar, de pensar, pensamento diferente, distinto, eu acho que isso tudo é muito importante, então eu sinto que ainda mais agora a filosofia, e eu como profissional da filosofia tenho uma contribuição importante pra dar. Então eu me sinto muito motivada em relação ao meu trabalho por isso também (P5).

Os professores passam por uma longa jornada de trabalho e por fatores estressores próprios da profissão, além de outros, advindos das condições oferecidas pela instituição e pela sociedade. Tais profissionais quando expostos durante muito tempo a esses fatores estressores tendem a desenvolver sentimentos de mal-estar desencadeando problemas de saúde, como a síndrome de *burnout*. Alvarez Galego e Fernandez Rio (*apud* CARVALHO, 2003) apontam como um dos momentos para o aparecimento de doenças laborais, como *burnout*, a percepção de sobrecarga de trabalho.

No entanto, apesar das condições de trabalho e das adversidades vivenciadas por este grupo de pesquisa, quando perguntados sobre as condições de saúde relacionadas ao trabalho apenas duas professoras relatam quadro de estresse acompanhado de pressão alta, sendo que uma delas informou ter passado por uma crise alérgica devido às salas abafadas e empoeiradas. Os outros dois professores não relatam problemas de saúde provocados pelo trabalho.

[Você á ficou doente por causa do trabalho?] Sim. Crise de estresse (P1);

Sim [...] quadro de stress (P2);

Ainda não [...] Mas confesso que por várias vezes me sinto desanimada, sem vontade de sair de casa pra trabalhar. Pra mim isso é muito controverso, porque sempre encarei o trabalho docente como algo estimulante e desafiador (P3);

Não (P4);

Eu nunca fiquei doente por causa do meu trabalho (P5).

OS SENTIDOS DO TRABALHO

Outro aspecto que se buscou entender com o estudo foi o sentido do trabalho. A partir da análise de conteúdo das entrevistas, foram encontradas 4 categorias de sentido: Escola, Missão, Realização e Sustento. Percebeu-se que o sentido do trabalho construídos a partir da interação com os elementos e atores do ambiente escolar prevaleceu em relação às demais categorias elencadas. A relação entre os professores e os alunos mediadas pelos saberes e práticas vivenciadas e aprendidos na escola corroboram com o que é apregoado pela teoria das relações humanas acerca do "homem social", onde os fatores mais relevantes para a motivação individual se manifestam nas relações interpessoais. Tais fatores ficam evidentes nas falas quando se referem a aprender junto, trocar ideias:

Dentro de um colégio você conhece as pessoas que administram as que zelam da parte física, os alunos e os colegas de trabalho. Com cada um deles eu posso descobrir uma infinidade de possibilidades, que poderão ser boas ou ruins para mim. Eu posso influenciar em cada um desses universos. Sempre há aprendizado. [...] Tirar dúvidas, procurar pelas respostas que não conheço. A troca que num laboratório não existe. Na Biologia é cada um no seu nicho e muito têm tantas certezas. Gosto dos alunos, eles têm tantas dúvidas. Aprendo junto (P1).

Gosto de estar com pessoas críticas, gosto de construir conhecimento conjunto, compartilhado, gosto de estudar e, especialmente, gosto quando aquele aluno por quem ninguém dá nada se torna alguém pela educação, e transforma sua vida (P3).

Observou-se nas respostas dos professores, ao serem questionados sobre o que é ser professor, que a prática docente, vai além do constructo de missão ao demonstrarem nas falas uma forte influência de interações e práticas sociais entre professor e aluno:

Ser alguém que está disposto a ouvir e responder certas perguntas, dentro e muitas vezes fora, do seu currículo básico. Ou procurar junto dos alunos as respostas que surgem a perguntas. Também acho que é quem pode orientar essas pessoas em formação, por alguns caminhos teóricos (P1).

[...] ser professor significa dar essa contribuição na formação do pensamento crítico, na constituição de pessoas capazes de atuar com consciência e dialogar, e pensar por outros caminhos [...] (P5).

[...] ser professora pra mim é estar num constante movimento de mediação. Mediação do aluno com o mundo, como os conhecimentos estabelecidos, com a reflexão, com ... acho que até com, pela minha experiência, com o mundo emocional dele [...] Ser professor é um exercício de entrega (P2).

Significa aprender diariamente com o outro. Me sinto muito mais como mediadora de conhecimentos, daquilo que acontece ao nosso redor, do que alguém que está ali pra passar matérias e dar notas (P3).

As respostas dos professores encontram apoio na visão de Maldaner (*apud* BOLFER, 2008, p.61) ao defender que o trabalho docente precisa ser produzido na interação entre os sujeitos, onde ocorre a produção de saberes e conhecimentos. Ou seja, o trabalho docente se constitui nas práticas sociais onde o professor se coloca como um mediador tendo por objetivo a formação humana através do conhecimento. Essa troca de saberes faz com professor também aprenda sempre algo novo e sua carreira seja construída neste processo de socialização.

[...] eu me considero uma boa professora, uma professora minimamente dedicada aos alunos, eu tenho muita preocupação desse meu papel social com eles, do meu papel/ desse papel de mediadora entre eles e o mundo que tá se apresentando aí (P2).

[...] eu sou uma professora aluna dos meus alunos, sempre querendo aprender, então, com uma liberdade no sentido de que não tenho caminhos prontos, vou me fazendo à medida que vou sendo professora (P5).

Essa visão do trabalho docente como prática social, presente no discurso dos professores entrevistados, corrobora com a força demonstrada pela equipe na busca de melhores políticas educacionais. Apesar de historicamente a responsabilidade pela educação tenha se deslocado da igreja para o Estado e o trabalho docente passado de “mestre de ofício de ensinar, para o de trabalhador do ensino empregado pelo Estado” (HYPOLITO *apud* LIMA *et al.*, 2010, p.5), ainda hoje professores veem sua profissão relacionada a uma vocação e missão. O sentido de missão que a profissão docente herdou dos jesuítas desde o período da colonização, aquele que professa a fé, a fidelidade dos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos.

A percepção do professor como um missionário, aquele que deve contribuir para com a sociedade através do seu trabalho de doação, está presente nas falas dos professores entrevistados.

Ser é professor é uma profissão de entrega (P1).

Ser professor é um exercício de entrega [...] movimento de entrega pro outro. (P2).

Tal sentido pode ser mais bem compreendido ao analisar-se na história o surgimento do trabalho docente. Desde o período de colonização até o século XVIII, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, o monopólio da educação estava nas mãos da igreja. Durante o período de colonização e de expansão do cristianismo, os jesuítas eram os docentes. Seu trabalho se baseava na fé, na ajuda aos pobres e necessitados, sendo constituído como uma vocação, doação e missão. Esse significado de missão, atribuído ao sacerdote, passa a exercer influência na profissão docente, na formação de sua identidade, sendo o professor caracterizado como aquele que se doa ao aluno, um verdadeiro missionários (LIMA *et al.*, 2010, p. 3-4).

A profissão docente passou por algumas mudanças, principalmente nas últimas décadas do século XIX. Apple (1988), aponta para a saída dos homens do magistério em busca de oportunidades mais rentáveis amplia o espaço para a participação das mulheres na atividade docente. Também se verifica, a partir da década de 1940, o aparecimento de novas forças sociais, impulsionado pelo desenvolvimento social brasileiro. Neste contexto, observa-se a entrada de outras camadas para a profissão da docência, onde as famílias enviavam as filhas para às Escolas Normais. E ainda, a partir da década de 60 uma proletarização do magistério tornando-a uma profissão atraente e viável para as classes menos favorecidas (RÊSES *apud* KUENZER e CALDAS, 2015).

Durante a entrevista, ao serem perguntados, sobre os motivos que os levaram para a docência, alguns também se reportaram ao magistério com a profissão a que eu tinham acesso no momento.

[...] o magistério foi, primeiro, uma carreira acessível pra mim, enquanto filha de classe média baixa e com poucas oportunidades de fazer universidade fora da cidade, porque eu era muito nova, e dentro daquilo que se apresentava pra mim, foi o que eu achei mais viável (P.2).

De certa forma, ainda que impregnado em nossa cultura, a forte influência advinda dos jesuítas de que o trabalho docente é uma doação e por isso não poderia receber compensações materiais, retirando do docente o caráter profissional - basta observar a maneira pela qual se fala: "o professor dá aula" - a nova configuração da profissão, traz à tona as necessidades básicas de todo trabalhador e ressignifica o trabalho docente não apenas como sacerdócio, mas também como forma de organizar a vida e garantir sustento.

Organização da vida, pois é um meio de cumprir sua missão, objetivo e também provém o sustento (P2).

Remuneração (P4).

Suor. Meio de ganhar a vida (P3).

Essa nova condição docente talvez explique, nas respostas dos entrevistados, o sentido da missão a que se referem os professores, que não é exatamente aquele dos missionários de outrora. Os professores entrevistados desejam fazer a diferença na escola pública, contribuir para a sociedade, querem mesmo mudar o mundo através da educação.

[...] realmente eu não consigo me enxergar fazendo outra coisa [...] eu me sinto mais útil na escola pública [...] é ali que tá o público pra quem eu vou fazer mais diferença do que numa instituição particular (P2).

[...] eu entendo que trabalhar na escola pública é uma contribuição social importante [...] eu não pretendo deixar a escola pública porque eu entendo a minha profissão como um meio de atuar na sociedade e eu entendo que trabalhar na educação pública é um meio muito importante de atuação social [...] ser professor é colaborar na construção dessa sociedade mais digna de nós, mais justa, mais bonita (P5).

Porque acredito que é na escola pública que a gente pode provocar, mesmo que devagar, uma mudança no paradigma social [...] acho que continuo professora na escola pública porque ainda acredito que podemos ter uma sociedade mais justa e igualitária. Sem utopias, mas vimos que há avanços possíveis sim pra minimizar a desigualdade e abrir oportunidades pra aqueles menos favorecidos que estão justamente na escola pública (P3).

Porque acredito em mudanças e é a partir da escola pública que essa mudança virá. Sigo sendo professor porque acredito nas pequenas grandes mudanças (P4).

[...] a minha escolha de ser professora foi a possibilidade mesmo de fazer um mundo diferente através do meu trabalho (P.2).

[...] existe dentro de mim o sonho de mudar o mundo e acho que é na escola pública que isso pode se realizar (P1).

Outra categoria destacada nas entrevistas, diz respeito à realização. Na teoria comportamental, o fator realização aparece no topo da pirâmide da hierarquia das necessidades de Maslow. Surge quando as demais necessidades já estão substancialmente satisfeitas, se refere às necessidades de autorrealização. Na análise de conteúdo das entrevistas e nas palavras elencadas por eles como sentido do trabalho docente apareceu por diversas vezes o sentimento de realização, de se sentir produtivo atuando na escola e buscando a transformação da sociedade através da transformação dos alunos.

Minha profissão, minha realização. (P4);

Acredito que fazer alguma coisa sem se colocar por inteiro, buscando melhorar todos os aspectos do ambiente de trabalho, faz com que o trabalho seja apenas renda. Eu preciso me realizar naquilo que faço. (P4);

[...] maior satisfação que se tem, de ver o progresso do teu aluno lá na frente, não só como profissional da área, seja qual for que ele vá escolher, mas como cidadão, como pessoa. (P2);

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em processo de crise de identidade na sociedade atual (FREITAS, 2006), a classe docente também é afetada e sofre constantes pressões, o que tem por vezes levado esses profissionais a doenças físicas e psicológicas, com prejuízos para a educação, conforme é apontado na pesquisa feita com 52 mil professores brasileiros por Codo (1999), onde foi constatado que 48% deles estavam sofrendo com a síndrome de *burnout*. No entanto, no grupo de professores entrevistados, a maioria não relata doenças. Acredita-se que a coesão do grupo seja um fator de proteção dessas pessoas.

Uma contribuição importante para entender a importância e a coesão desse grupo ficou evidenciada quando foram perguntados sobre que acontecimentos marcaram sua trajetória na profissão docente e, em sua maioria, eles se referiram a experiência vivida dentro do curso técnico em que lecionam na escola. Essa relativa importância se dá porque existe um sentimento de pertencimento e orgulho com o fato do curso ser considerado um “Projeto de Elite”(P3), fruto de um trabalho conjunto. Esse sentimento de união e realização é o que dá força para enfrentarem às adversidades e não sucumbirem a essa crise de identidade atual.

[um fato importante na minha trajetória profissional foi] Quando comecei a trabalhar com o ensino médio integrado (P4).

... a mosquinha azul que me picou pro magistério foi a minha experiência com os jovens e adultos. [...] estar esse curso é pra mim também um marco profissional, eu já tava com pouco tempo de Estado muito desanimada, muito [...] e o curso me deu novo folego (P2).

... minha experiência de vida na escola que se deu na minha família [...] participar do ensino médio integrado, em produção de audiovisual, que foi uma reinvenção do formato escolar (P5).

Um acontecimento que ressignificou minha prática foi o convite pra integrar a equipe que criou e mantém o Curso Técnico de Ensino Médio Integrado em Produção de Áudio e Vídeo (EMI AV) [...] gestão participativa do curso, a organização da Mostra de Audiovisual, que hoje extrapola a escola e que tem a participação efetiva dos alunos, enfim, são acontecimentos que me fizeram entender a educação como algo em constante transformação e aprimoramento, assim como ocorre com os seres humanos que dela participam (P3).

A entrada no curso (EMI AV) foi a maior mudança e o que me dá força para continuar acreditando na educação (P1).

[...] nenhum projeto vai adiante se não tem professores engajados e comprometidos com aquilo que acreditam e fazem. Porque é isso que dá força pra enfrentar as dificuldades da profissão (P3).

Acredita-se que a situação da greve tencionava o grupo, que reclamava estar vivendo um “momento difícil”, onde muitas vezes prevalece o sentimento de que a sociedade e o Estado estão “me desrespeitando”. No entanto, não obstante outros aspectos negativos também terem sido elencados, todos, têm uma visão otimista e se reconhecem capazes, apesar de todas as adversidades da profissão. Buscam recursos internos e estratégias de enfrentamento, e mostram-se constantemente resilientes frente às condições impostas e as adversidades de se trabalhar em escolas, especialmente as públicas.

Os professores entrevistados podem ser considerados agentes de sua motivação, pois são eles que influenciam o funcionamento de suas vidas, independente das circunstâncias, de modo intencional. Conhecem-se e sabem de suas potencialidades. Nas entrevistas é perceptível o enfoque que eles dão a aprendizagem em conjunto através da troca de conhecimentos e da sua autoavaliação.

[...] o que eu faço procuro fazer da melhor forma que eu puder [...] eu estou sempre me questionando e sempre buscando mudanças (P2).

[...] há aqueles momentos em que nós estamos mais motivados, acreditando mais na nossa capacidade e no quanto produtivo a gente pode ser (P2).

[...] eu sou uma professora aluna dos meus alunos, sempre querendo aprender [...] uma professora em construção (P5).

Outra característica encontrada durante a entrevista foi o foco que eles têm na formação de um aluno cidadão que contribua para sociedade. Entendem que, apesar das dificuldades, é possível fazer uma educação melhor. Possuem foco em uma educação transformadora.

Satisfação (...) é ver aquele teu aluno que às vezes entrou, e chegou em você com pouquíssima perspectiva de vida, e com olhar sobre o mundo muito limitado ou pouco audacioso, ambicioso, mas no sentido bom que a ambição possa ter, e vê-lo sair totalmente modificado (...) maior satisfação que se tem, de ver o progresso do teu aluno lá na frente, não só como profissional da área, seja qual for que ele vá escolher, mas como cidadão, como pessoa. (P2).

Possuem uma visão pautada pela coragem frente às adversidades ao alocar diversos elementos positivos que os ajudam no alcance de seus objetivos.

Me sinto feliz e confortável naquilo que faço, embora tenha de transpor barreiras diariamente (P3).

Me sinto bem. Porque de uma certa forma consigo construir algo de positivo e ao mesmo tempo me sinto produtivo (P4).

Me sinto incrível na minha profissão (...)fazendo o que deve fazer e ao mesmo tempo estar no que tá fazendo (P5).

Embora a sociedade contemporânea esteja sofrendo com um esgarçamento provocado pela crise de identidade pessoal e nas interações sociais, ao analisar o conteúdo das entrevistas é possível inferir que a união desse grupo se mostra como uma estratégia de enfrentamento diante das adversidades encontradas nas condições de trabalho negativas, como a estrutura material e desvalorização da profissão, e, também, como força propulsora que os alimenta na missão de continuar na escola pública.

Para se manterem firmes no propósito de ensinar e não se deixarem sucumbir diante das adversidades das condições de trabalho presentes na atividade docente, os professores encontram apoio no grupo e na confiança em si próprio, apostando em suas potencialidades. Encaram a realidade com flexibilidade e procuram ver os momentos difíceis como desafios, barreiras a serem transpassadas, a partir do momento que tomam as experiências passadas como estratégias para vencer os desafios futuros.

CONCLUSÃO

Chega-se à conclusão de que os profissionais que participaram do estudo demonstram ter as características de uma pessoa resiliente, pois, apesar de estarem sob condições inadequadas de trabalho e enfrentarem um momento de greve no momento da pesquisa, com forte impacto sobre a sua qualidade de vida no trabalho, ainda veem com otimismo a educação no país, encontrando as mais variadas formas de atingir seus objetivos. Demonstram ser flexíveis quanto frente às barreiras e incertezas, percebem os problemas como passageiros e não perdem o foco, conseguem se manter organizados e proativos. Assim, possuem características essenciais para o enfrentamento de tais dificuldades, como autoconfiança, esperança, foco e resiliência. E é justamente nas relações sociais desenvolvidas no trabalho que o capital positivo de cada um aparece e contribui para a coesão do grupo. Tudo embalado por um sentimento, um desejo, um sonho compartilhado: a educação como ferramenta para a transformação. Pois, em suas próprias palavras...

Educação é persistir na esperança (P4).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. SP: Ed. Cortez, 2006.

_____. Trabalho. In: CATTANI, Antonio David & HOLZMANN, Lorena (orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 2. ed. ver. ampl. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

APPLE, M. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, fev 1988.

BOLFER, Maura Maria Moraes de Oliveira. **Sobre formação continuada de professores universitários**. Tese (Doutorado em Educação). UNIMEP, Piracicaba, São Paulo. 2008. 258p. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNXBBS.pdf>. Acesso em 04/06/2016 às 20h26.

CARVALHO, Fatima Araújo de. *Burnout* e resiliência: novos olhares sobre o mal-estar docente. **Revista UniVap**, v.10, n.18, 2003. Disponível em: http://www.univap.br/univap/pro_reitorias/int_uni_soc/revista/RevistaUnivap18.pdf#page=26. Acesso em 01/05/2016 às 23h11.

CODO, W. (Org.) **Educação**: carinho e trabalho. São Paulo: Vozes, 1999.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5ª ed. São Paulo, SP: Ed. Oboré, 1992.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional**. Identidade, sedução ou carisma?. São Paulo, SP. Fundação FGV. 2006.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. (editores). **Pesquisa**

qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002.

HERZBERG, Frederick. O conceito da higiene como motivação e os problemas do potencial humano no trabalho. In: HAMPTON, David R. **Conceitos de comportamento na administração**. São Paulo: EPU, 1973.p..53-62.

KUENZER, Acacia Z.; CALDAS, Andrea. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (orgs.). **A intensificação do trabalho docente: tecnologia e produtividade**. Campinas, SP. Papiris, 2015. (Série Prática Pedagógica) Disponível em: <http://fmpfase.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788544900420/pages/5>. acesso em 04/05/2016 às 20h48.

LIMA, Luzângela Galiza de Alencar; ALMEIDA, Ramone de Melo; ARAÚJO, Clarrisa Martins; SILVA, Rejane Dias da. **O significado do trabalho docente para os professores das séries iniciais e suas perspectivas na constituição da identidade docente**. Dissertação (Mestrado em Educação escolar) Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP. Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2010.1/o%20significado%20do%20trabalho%20docente%20para%20os%20professores%20das%20s.pdf. Acesso em 29/05/2016 às 15h.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste; JÚNIOR, Moacir Avila de Matos; FILHO, Nei Alberto Salles; FINCK, Sílvia Christina Madrid. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. Disponível em: <http://fmpfase.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582125878/pages/4>. Acesso em 08/05/2016 às 18h12.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

MOREIRA, Ana Augusta de Souza; TEIXEIRA, Ariane Robine Nunes; QUEIROZ, RUTINÉLIA, Duarte de Queiroz. **A importância da resiliência no contexto organizacional**. 2013. Disponível em: http://www.jrhconsultoria.com.br/upload/artigos/ARTIGO_01_RESILI%C3%8ANCIA.pdf. Acesso: 18/06/2016 às 13h20.

MOREIRA, Catarina Andreia dos Santos. **Quão perto é perto o suficiente: a influência do capital psicológico positivo, do envolvimento no trabalho e da segurança psicológica no desempenho**. Dissertação (Mestre em Psicologia Social e das Organizações). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – ISPA. Lisboa, Portugal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2317/1/15396.pdf>. Acesso em: 22/05/2016 às 19h37.

RAMOS, Susana Isabel Vicente. **Satisfação/insatisfação profissional e stress profissional nos professores de educação física de Coimbra** – um estudo descritivo. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) Universidade de Coimbra. 1999. Disponível em: <https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/8522/1/Bem%20estar%20e%20mal%20estar%20docente.pdf>. Acesso em 04/06/2016 às 15h.

SOBRAL, Felipe; PECL, Alketa. **Administração:** teoria e prática no contexto brasileiro. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.